

O ETHOS MATERNO NA ERA DOS BLOGS

Bárbara Luísa Martins Wieler¹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo de analisar enunciados produzidos por mães e veiculados em blogs à luz da sabedoria da Análise do Discurso. Para tanto, a noção de ethos, empregada por Dominique Maingueneau, irá balizar o estudo, de modo a identificar como é a imagem que essas mulheres pretendem passar de si mesmas em seus discursos. Em um primeiro momento, será revista a noção de maternidade como santificada, que data do Iluminismo. Com o advento de revoluções sociais como o feminismo, a ideia de mãe perfeita começa a ser desmantelada, processo impulsionado pela popularização da internet, espaço que democratizou e estimulou as pessoas a falarem sobre si e sobre as próprias experiências, inclusive as mães, que usufruem desse espaço virtual para desabafar e compartilhar a vida com filhos, fenômeno notável na blogosfera. À guisa dessas reflexões, os enunciados produzidos nesse contexto social, em que teoricamente há maior liberdade para a mãe confidenciar seus dilemas, serão avaliados. Como resultado, percebe-se que ainda que haja uma reclamação, ela sempre será ressalvada pelo amor incondicional que se sente pelos filhos, criando um ethos positivo sobre si mesmas.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Ethos. Maternidade. Blog.

ABSTRACT: This work aims to analyze statements produced by mothers and transmitted in blogs in the light of the wisdom of Discourse Analysis. To this end, the notion of ethos, employed by Dominique Maingueneau, will mark the study, in order to identify the image that these women intend to pass from themselves in their speeches. In a first moment, the notion of sanctified maternity, dating to the Enlightenment, will be reviewed. With the advent of social revolutions such as feminism, this idea of a perfect mother begins to be dismantled, a process driven by the popularization of the internet, a space that has democratized and stimulated people to talk about themselves and their experiences, including mothers, who enjoy of this virtual space to vent and share life with children, a remarkable phenomenon in the blogosphere. According to these reflections, the statements produced in this social context, in which there is theoretically greater freedom for the mother to confide her dilemmas, will be evaluated. As a result, one realizes that even if there is a complaint, it will always be saluted by the unconditional love that the children feel, creating a positive ethos about themselves.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Ethos. Maternity. Blog.

¹ Graduada em Letras pelas UFPR. Mestra em Literatura Feminina pela UFPR. E-mail: bazinhawielier@gmail.com.

Introdução

“Ser mãe é padecer no paraíso”. O dito popular, largamente conhecido e utilizado, sintetiza uma sabedoria milenar, ainda hoje repassada, que associa a maternidade à dor (“padecer”) e à delícia (“paraíso”). Esse clichê perpetua uma imagem consolidada na cultura ocidental sobre ser mãe: uma mulher santificada (tal como a Virgem Maria, da dogmática cristã), abnegada, esquecida de si e de seus desejos em nome do amor incondicional e infinito nutrido pelos filhos. Segundo Cordeiro (2013), foi com os ideais iluministas, encabeçados por Jean-Jaques Rousseau, que esse desenho começou a ser pintado: “A maternidade passou a ser associada ao divino e, assim, vocábulos referentes à religião foram sendo incorporados: sublime, renegada, vocação, sacrifício. Não foi difícil a associação dessa mãe à santa mulher, à imagem da Virgem Maria” (CORDEIRO, 2013, p. 5).

Seja pela literatura, seja pela mídia, perpassando pela publicidade e pelas instituições reguladoras dos hábitos sociais, o papel da mãe foi assim, por séculos, associado a uma mulher perfeita que age apenas e sempre em prol dos rebentos. Nesse ensejo, o amor materno foi envernizado com cores diáfanas, criando-se a aura de que apenas esse sentimento é verdadeiro e imortal. Frases como “amor de mãe é incondicional”, “maior amor do mundo” ou “apenas uma mãe faria isso” endossam esse paradigma, que mais do que um lugar-comum, transformou-se numa memória coletiva, ativada inevitavelmente quando se pensa no que é ser mãe. Para além de uma reprodutora, uma mãe é aquela que a tudo suporta e a tudo seria capaz de renunciar motivada por esse amor transcendental.

O feminismo, contudo, como movimento desmistificador do senso comum acerca da mulher, já acenou para caminhos que desconstruiriam essa imagem. A obrigatoriedade de ter filhos, por exemplo, foi refutada pelas feministas da primeira e da segunda onda, questionando a suposta condição primordial da mulher de ser mãe. Contemporaneamente, com a ascensão do pós-feminismo, paralelamente ao surgimento e à popularização de meios de comunicação mais democráticos e eficazes (como as redes sociais), questões mais delicadas e imbricadas sobre o papel de mãe desabrocharam, suscitando reflexões e viabilizando o nascimento de um outro discurso, neste trabalho chamado de “discurso materno pós-moderno”.

O “discurso materno pós-moderno” é fruto de um contexto que não apenas permite, como estimula as mulheres a filosofarem sobre sua condição de mãe. Se por um lado a luta pós-feminista tem como pauta garantir a liberdade de a mulher ser o que desejar – e assim, ter ou não ter filhos são situações igualmente lícitas –, por outro, há uma problematização mais aguda

sobre como ser mãe, o que a sociedade espera e cobra dessa mulher e como superar algumas imposições culturais. Aliada ao movimento está a internet, que não apenas amplificou a voz dessas feministas, alargando sua abrangência e, por consequência, as conquistas, como possibilitou que outras vozes ganhassem espaço para se fazerem ouvidas. As redes sociais, os blogs e até os grupos de Whatsapp reúnem mães interessadas em partilhar os dilemas encarados na maternidade. Enquanto os blogs funcionam como diários virtuais – são páginas autorais, em que as escritoras podem publicar acontecimentos do dia a dia e também expor com mais subjetividade e transparência os sentimentos experimentados em dadas situações -, as redes sociais, como o Facebook, tanto têm um espaço nas páginas pessoais para que esse desabafo seja redigido e publicado como facilitam as trocas e o diálogo com outras mães que podem viver a mesma situação ou aconselhá-la. Pela facilidade de se corresponder, uma rede de mulheres é tecida e constantemente acionada em situações mais espinhosas, pois várias mães podem confessar sofrer o mesmo dilema (noites mal dormidas, dúvidas na criação, cansaço) e falar sobre ele torna-se catártico no sentido de aliviar a tristeza enfrentada.

A internet, dessa forma, é um local privilegiado por oportunizar a publicação de desabafos que anteriormente, além de não serem autorizados de serem ditos, não possuíam um meio para veiculá-los. Esse movimento abriu uma senda para um discurso mais cru e menos maquiado, mas se ele suavizou a santificação com que o amor materno é tratado, ele não evaporou da fala das mães as marcas pretéritas que sempre identificaram o discurso materno. Aqui, é mister recuperar o conceito de Formação Discursiva formulado por Michel Pêcheux² e sintetizado por Orlandi (2001, p. 43) como “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Ou seja, esses enunciados estão inscritos em uma Formação Discursiva (FD) sobre a maternidade e são adubados por falas, posicionamentos ideológicos e discursos que remetem ao papel da mãe e como ela deve agir nesta função. Contextualizando o conceito ao objeto de estudo, pode-se afirmar eu há o espaço para uma fala mais particular sobre as queixas, mas as mulheres ainda não se sentem seguras para apenas reclamar, e mesmo que haja um desabafo, ele é pontilhado por autocensura, remontando ao discurso materno anterior – agora revigorado como uma ressalva indispensável à lamentação revelada.

² Ver discussões suscitadas pelo autor a respeito do conceito em PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1995.

Analisar esse discurso é, portanto, identificar como a fala e o desabafo dessas mães estão ainda conspurcados por um modelo de maternidade que exige um arrefecimento das queixas em detrimento da exaltação do amor e dos sabores de ter filhos. Ou seja, dentro da Formação Discursiva sobre maternidade, há uma leve dissidência, mas ainda não uma completa ruptura. Se o momentum contemporâneo licencia que as mães relatem o que e como sentem no exercício desse papel, o interdiscurso, a memória e a cultura ainda a impelem a reafirmar que uma eventual crise é pequena diante do sentimento que um filho desperta.

Assim, este trabalho tem como fito entender como o discurso materno contemporâneo – especialmente o veiculado na internet, área em que supostamente há maior liberdade para um relato verdadeiro ser exposto –, mesmo que se diga mais honesto e libertário, é permeabilizado ainda por um ideário de mulher e de mãe que, se não cala as dores da maternidade, ainda as minimiza ou relativiza, de modo a permitir que as virtudes permaneçam na superfície, enquanto as reclamações subjazam mais veladas ou mesmo silenciadas.

Referencial teórico

Antes de adentrar na seara da Análise do Discurso (AD), foco primeiro deste trabalho, é essencial resgatar alguns estudos que já avançaram na pesquisa e reflexão sobre a origem da concepção do amor materno como sublime e a construção sociocultural da imagem da mãe. Elisabeth Badinter, filósofa francesa, é reconhecida como estudiosa que decupou como o mito do amor materno (título de sua obra cabedal) se mantém vigente em nossa sociedade. Para ela, “O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina” (BADINTER, 1985, p. 22), ou seja, a autora já desmente o caráter instintivo e compulsório desse sentimento. Ela ainda esclarece que existem três discursos soberanos que confluem para docilizar o amor materno, pacificando-o: o discurso econômico (dirigido aos homens), o filosófico (dirigido a ambos os sexos) e um discurso orientado justamente para as mulheres, de modo a tocá-las quanto à função de mãe. Ou seja, a Formação Discursiva da maternidade é irrigada por essas sabedorias, e os enunciados vindos desses campos do conhecimento semeiam o ideário que se tem sobre ser mãe. Ademais, esse terceiro discurso mencionado por Badinter é composto por vários outros: o médico, o psicanalítico, o pedagógico e até o econômico, de modo existe uma sabedoria caudalosa dos deveres e das responsabilidades da mãe na criação, na garantia à saúde e à sobrevivência e até na felicidade de seus filhos. Com

uma missão tão complexa, a própria felicidade é obliterada em prol da manutenção desse equilíbrio. Assim, o bem-estar da criança é essencial, e mesmo que a mãe não esteja – física ou psicologicamente – bem, deve-se calar essa insatisfação. Nas palavras de Badinter (2015, p. 238):

Graças à psicanálise, a mãe será promovida a "grande responsável" pela felicidade de seu rebento. Missão terrível, que acaba de definir seu papel. Sem dúvida, esses encargos sucessivos que sobre ela foram lançados fizeram-se acompanhar de uma promoção da imagem da mãe. Essa promoção, porém, dissimulava uma dupla armadilha, que será por vezes vivida como uma alienação.

Enclausurada em seu papel de mãe, a mulher não mais poderá evitá-lo sob pena de condenação moral.

Outra autora que confirma essa acepção diáfana atribuída às mães é Cordeiro. Segundo ela,

A mãe, a partir da gestação, passou a se ver e ser vista como um ser duplo, a mulher e a mãe. Esse total desprendimento foi muito difundido e acabou sendo revestido por uma aura de sacralidade que perpetuou o mito do amor materno, isto é, que a partir do nascimento da criança, a mãe se devota totalmente a ela e se negará para sempre como sujeito. (CORDEIRO, 2013, p.2)

Esse apagamento do sujeito esperado da mulher que vira mãe contemporaneamente confronta-se com as novas versões não só possíveis, como estimuladas às meninas a partir das lutas feministas. Para Indursky (2002), em consonância com os aportes de Pêcheux, neste caso não há uma reduplicação, ou seja, os sujeitos enunciadore não aceitam passiva e completamente todos os saberes e paradigmas dessa FD, contudo, também não há uma completa desidentificação dessas mães, de modo que a FD é a mesma, mas modificada, aprimorada e transformada pelas novas práticas sociais. Tem-se, então, uma reformulação da FD sobre maternidade – ainda que não haja uma ruptura total, não há mais apenas uma reprodução do imaginário que se tinha sobre a mãe, mas se vive um momento em que o transforma, agregando novos saberes ao ideário e ao estereótipo que se desenhava sobre a mulher e, especificamente, sobre a mãe. A mídia, a publicidade e o próprio seio social já as veem como sujeito múltiplo e atuante – cidadã, profissional, estudante, filha, amiga, e, se assim desejar (e não um ato compulsório e obrigatório), mãe. A mulher, de ser naturalmente assujeitado pela cultura e pelas instituições (apenas o “outro” do homem, como denunciou Simone de Beauvoir), ganhou ares de protagonista – o termo “empoderamento”, tão em voga quando se fala das garotas do século XXI, é um léxico que remete a essa visão de mulher dona de si, despojada de padrões e liberta de antigos preconceitos. Paralelamente, a própria maternidade parece ser mais “empoderada” – as antigas mães submissas totalmente às demandas da prole hoje já escrevem em blogs suas jornadas exaustivas e postam recados no Facebook queixando-se do comportamento dos filhos.

Mas talvez o total desprendimento da antiga “aura de sacralidade” seja ilusório ou esteja ainda em uma fase latente, pois a alusão ao amor supremo e sublime ainda é imprescindível nessas falas, como para legitimar a condição materna e, sobretudo, não a esquecer: ser mãe é, ainda que esteja sofrendo, fazer tudo pelo filho e provê-lo de todo amor.

É nessa afluência entre as práticas/ os paradigmas antigos e as práticas/paradigmas contemporâneos, isto é, como esse caudaloso interdiscurso (aquilo que já foi dito, o conjunto de todos os saberes que se tem sobre dado tema) é fomentado com enunciados cristalizados e refrescados, que a AD encontra terreno fértil para estudar o nascimento desse terceiro discurso, aqui chamado de “discurso materno pós-moderno”. A AD aqui se torna uma ferramenta para perscrutar “[...]a maneira pela qual, em uma sociedade determinada, a ordem social se constrói por meio da comunicação”. (MAINGUENEAU, 2015, p.33).

A princípio, faz-se mister delinear a concepção adotada para a expressão criada. Dominique Maingueneau postula que a palavra “discurso” possui diversas acepções, conforme as intenções de estudo do analista. No recorte desse objeto de estudo, o entendimento do interdiscurso é primordial na análise de como a fala das mães é tecida a partir de todos os outros textos (verbais ou não-verbais, vigentes atualmente ou já consolidados na memória coletiva) que versam sobre o que é ser mãe. Para Maingueneau, uma possibilidade de se entender o discurso é “(...) relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras” (MAINGUENEAU, 2015, p. 28) e é a partir dela que esse objeto será dissecado. É profícuo, também, resgatar a ideia de dialogismo, dissecada por Bakhtin. Para o filósofo da linguagem,

A expressividade de um enunciado nunca pode ser compreendida e explicada até o fim se se levar em conta somente o teor do objeto do sentido. A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro (BAKHTIN, 1997, p. 317)

Esse diálogo, na maioria das vezes, é implícito na construção dos enunciados acerca da maternidade, mas eles também podem fazer menção clara a uma suposta ideia social do que seria a maternidade perfeita para denegá-la. Há, também, embutida nesses discursos ora analisados uma alusão a outros enunciados e até a estereótipos que vigoram na vida cotidiana e em esferas midiáticas, religiosas e familiares: a mãe é uma super-heroína, o amor de mãe é infundável e a paciência, inesgotável, ser mãe é uma dádiva e jamais se deve reclamar o fardo que a tarefa acompanha, filhos são presentes de Deus, entre outros lugares-comuns que serão refutados ou reafirmados. O dialogismo se cristaliza com mais força na resposta que as

enunciadoras dão aos interlocutores: apesar dos dissabores que não podem ser escondidos, e antes que alguém duvide do amor que as mães sentem ou que as julguem como arrependidas, elas se antecipam e formulam. Assim, por mais revitalizado e contemporâneo que pareça ser o estilo dessa postagem, como pontua Bakhtin, ela

não pode deixar de ser também, em certo grau, uma resposta ao que já foi dito sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo problema, ainda que esse caráter de resposta não receba uma expressão externa bem perceptível. A resposta transparecerá nas tonalidades do sentido, da expressividade, do estilo, nos mais ínfimos matizes da composição (Idem, *Ibidem*).

Somada a essa ideia de diálogo/ resposta, este estudo também recupera a noção de *ethos*, outro conceito dissecado por Maingueneau, e primordial para a análise dos enunciados aqui expostos. Conforme o autor (MAINGUENEAU, 2008), *ethos* seria a imagem de si que o locutor, a partir da enunciação, tenta produzir para o destinatário. *Ethos* é um dos três pilares da retórica aristotélica, junto ao *pathos* e ao *logos*, e diz respeito às formas e às maneiras de se persuadir e seduzir uma plateia. O *ethos*, então, seria a forma de o sujeito manipular sua imagem para aquele dado instante em que ele se dirige ao público – não tem a ver com caráter ou com personalidade, mas com as virtudes que o enunciador deseja que se imagem pertencentes a ele. Na explicação de Maingueneau (*idem*, p. 14), “O destinatário atribui a um locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são em realidade intradiscursivos, já que são associados a uma forma de dizer”. Como no ambiente virtual a palavra escrita é a ferramenta privilegiada para se comunicar, as autoras do blog se valerão sobretudo dela para elaborar uma imagem positiva de si. À medida que a reclamação da maternidade pode ser derogatória à imagem da mulher/mãe, uma forma de suavizá-la é insistir que, mesmo no percalço, elas gostam de ser mãe.

O ethos materno construído em blogs

Na definição de Heine (1999, p. 208),

O blog, apesar de ser concebido como um espaço intimista, um diário virtual no qual se escreve sobre si, sobre sua vida pessoal, expectativas e sonhos, retomando a prática de escrita dos diários tradicionais, não representa o escancaramento da intimidade num meio público: a Internet. Nos blogs fala-se aquilo que pode ser dito, aquilo que atende às expectativas de um auditório particular que regula o discurso dos escreventes. Sendo assim, o blog instaura um novo espaço discursivo: o espaço intimista pautado na relação direta com o outro do discurso, no qual o “outro” ocupa na construção da intimidade do “eu” um lugar de destaque.

Essa explicação, além de descrever bem o funcionamento do meio em análise, ainda traz um alerta importante à análise: apesar de o blog ter um caráter mais intimista e, por vezes, funcionar como um diário, ele é produzido para ser lido. Essa característica não é obliterada pelas autoras, pois elas sabem (e desejam) ter um público que as acompanha, logo, nem tudo pode ou deve ser dito. Há um filtro e um refinamento no que se divulga – justamente, pois ainda que haja a intenção de revelar um outro lado da maternidade, por vezes escondido, está em jogo o próprio ethos dessas mães, e a própria ideia de confissão precisa ser maquiada para não perder a aquiescência (e até a solidariedade) de suas outras leitoras.

Foram selecionados três textos (em anexo), publicados em diferentes blogs maternos, que versam, justamente, sobre esse conflito vivenciado pelas mães. Os três possuem um tom confidencial – as autoras admitem que a maternidade não é o conto-de-fadas idealizado (seja por elas, seja por uma ideia perpetuada pelo senso comum), que há sofrimento, mas não deixam de realçar o amor, a despeito dessas agruras, que sentem pelos filhos. O mundo ético da maternidade contemporânea, ou seja, o universo que “subsume um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos” (MAINGUENEAU, 2008, p.18), filia-se a uma imagem bastante corroborada por esses blogs: mulheres na faixa dos trinta anos, formadas (ou com um grau de instrução elevado), com carreiras profissionais estáveis, interessadas na puericultura, ativas socialmente e, ao mesmo tempo, mães zelosas, preocupadas em fornecer uma educação apegada e não-violeta, e tão presentes na criação dos filhos que, por vezes, sentem-se sufocadas com essa entrega. E se o ethos das mães atuais não é mais o perfil dona-de-casa, totalmente devota ao lar e aos filhos, ele ainda prediz um certo estereótipo de submissão aos filhos – por mais independente e inteligente que seja a mulher, ao ficar grávida e dar à luz, o instinto materno passará a protagonizar a vida dela. Enunciados como “amor incondicional só o de mãe”, “tudo vale a pena pelos filhos” ou “meus filhos em primeiro lugar”, que alimentam o interdiscurso acerca da maternidade, ainda ecoam e são reproduzidos, potencializando o amor materno como o único verdadeiro ou o maior sentimento de que uma mulher pode desfrutar. Mesmo que as formações discursivas se renovem, essa memória ainda é latente e condiciona a produção de enunciados acerca do que é ser mãe.

Prosseguindo a análise, as cenas da enunciação arroladas por Maingueneau convergem para um mesmo perfil. A cena englobante, ou seja, o tipo de discurso, é a postagem do blog - uma espécie de diário virtual, como já dito, no entanto, frisa-se que nesse espaço a intimidade é violada e a interlocução, desejada. Os posts são escritos para ser lidos e comentados. As mães, nesse confessionário virtual, intentam que o desabafo ganhe o mundo – seja para que outras

mães se identifiquem e, por consequência, crie-se uma rede de empatia e solidariedade, seja para se sentir menos solitárias, em uma espécie de catarse conquistada por meio das palavras, finalmente, reveladas.

Já as cenas genéricas, outra categoria de análise proposta pelo teórico francês, “funcionam como normas que suscitam expectativas” (MAINGUENEAU, 2015, p.120). Para essas postagens, algumas cenas genéricas podem ser descritas, como a finalidade: esses textos são escritos, à primeira vista, para confidenciar alguma angústia, no entanto, em uma leitura mais amadurecida, pode-se subentender uma vontade, por parte das locutoras, de manter (ou até edulcorar) uma imagem de boa mãe, de mãe que apesar de todas as vicissitudes, consegue ter força para continuar e amar as crianças. Nesse contexto, os papéis assumidos, tanto pelos locutores como pelos interlocutores, endossam o cenário aqui delineado: enquanto as autoras dos enunciados procuram redigi-los de modo a criar um ethos positivo de si mesmas - ou seja, elas almejam passar ao público uma impressão de mães ciosas, que mesmo esgotadas física e emocionalmente, ainda são guerreiras o bastante para não desistir da nobre função a que foram incumbidas -, as locutoras se revestem de um poder de juízas (e as mães têm manifestadamente medo desse julgamento), e se o relato postado for muito pesado ou honesto, talvez o ethos sofra rupturas, por isso as ressalvas se fazem tão necessárias. Outra cena genérica considerável nessas postagens são os recursos linguísticos. A linguagem é mais doce, produzida com diminutivos, como “florzinha e gracinha” (ANEXO II), além de abundância de adjetivos, de metáforas (“vida deixou de ser cor de rosa” – ANEXO II) e hipérboles (“zilhões de vezes”- ANEXO III), que servem tanto para enaltecer o amor como para exagerar o sofrimento.

É importante destacar que o estudioso francês já ressaltou que os blogs possuem uma cena mais específica: enquanto a cena genérica é mais diluída, há uma carga maior na cenografia – e esses elementos, nos textos destacados, são concentrados tanto no layout das páginas (cores pastéis, presença de ícones como corações), como no conteúdo (link para outras postagens, essas sim ressaltando as descobertas dos filhos ou o que se aprende com eles). Evidencia-se, nesses sites, a presença de uma caixa de comentários para cada postagem. Esse espaço é o da troca, da partilha, o local em que a leitora pode interagir com a autora. Os comentários são desejados e por vezes incentivados, por isso se prima pela preservação de um ethos materno mais tradicional, afinal, apesar do desabafo, elas não querem receber uma má avaliação do que foi dito – e esse traço do ethos é indelével à maternagem: as mães se preocupam sobremaneira em não aparentar descaso ou falta de amor, como se verá nas próximas análises.

O texto I (ANEXO I) foi extraído de um blog que tem como principal e majoritária temática a maternidade. A autora, mãe de 2 crianças, usa essa espécie de “diário virtual” para fazer um desabafo do que chama de “nostalgia” de uma época em que vivia, segundo ela, com mais leveza e alegria. Ela atribui à maternidade o envelhecimento e admite que, antes de ser mãe, possuía um brilho e uma leveza que já não a acompanham. Pressupõe-se, no discurso dela, um cansaço e uma falta de ânimo em virtude da presença dos filhos. Ela, contudo, ainda que disposta a compartilhar dessa sensação, em dois momentos ressalta amá-los (“Amo meus filhos, amo vê-los crescer, amo cada descoberta deles”) e não desejar não os ter (“Em tempo, em nenhum momento me arrependo de ter tido filhos, não, acho que a vida hoje é muito mais completa e só de pensar nela sem eles me rasga o coração...”). Ou seja, comprova-se, aqui, que imiscuída à reclamação de uma rotina atarefada e sem espaço para a diversão e a descontração, há a presença de uma ressalva, como se fosse apenas uma insatisfação passageira. O conectivo “Em tempo”, no último parágrafo, sintetiza essa intenção – como se ela não pudesse terminar o texto sem relembrar ao leitor de que ela gosta, sim, dos filhos. Em outro momento, ela ainda tece outra ressalva – “não estou dizendo que não somos felizes hoje”, pois não seria positivo ao seu ethos confidenciar uma infelicidade advinda da maternidade. Além disso, percebe-se a intenção de construção de imagem de boa mãe no trecho “amo ver o quão importante sou para eles e o quanto seus olhinhos sorriem quando me encontram”. Essa observação pode ser interpretada como uma tentativa de a autora reafirmar seu papel de boa mãe – a despeito das reclamações, ela não deixa de exercer seu papel com maestria, a ponto de ser adorada pelas crianças.

Já o texto II é de uma leitora anônima para um blog que se propõe a publicar desabafos maternos, mas ocultando a identidade de quem os envia, e ilustra com exatidão o que este trabalho intenta demonstrar. Enquanto o título traz uma afirmação impactante, a fala da autora é aberta com uma observação: apesar de a vida não ter mudado para melhor, existe o amor pela filha. “Antes que me julguem pelo título”, oração que ela usa para apresentar-se como mãe zelosa, evidencia o receio de que se crie sobre ela uma imagem negativa ou de mãe. Há outro trecho emblemático

Sinto-me sozinha diariamente. Minha filha e meu marido preenchem meu coração, é claro, e o trabalho também ajuda bastante, mas a saudade das risadas com as amigas, dos passeios no pôr do sol, dos shows e apresentações artísticas ao ar livre, fazem falta todo dia. Toda hora. Sempre. E pra mim, marido nenhum substitui amigas.

Há aqui uma contradição. Ao mesmo tempo em que a autora revela sentir solidão – sentimento enunciado no início e reforçado pelas expressões “Toda hora. Sempre” –, ela tenta amenizá-la falando que a filha e o marido preenchem o coração. A construção, contudo, indica

que apesar deles, a sensação de estar sozinha é soberana. Novamente, contudo, há um recuo. “Não me joguem pedras”, ela pede, salientando o receio de ser censurada por seu desabafo, e na tentativa da construção de um ethos favorável, arrola, em seguida, todas as virtudes e alegrias trazidas pela presença da filha em sua vida. No início do texto, há também uma frase em que ela enuncia todas as virtudes que imagina ter como mãe (“Me esforço dia após dia para ser melhor, mais compreensiva, mais atenciosa, mais perspicaz nas minhas atitudes e na forma de educá-la”), qualidades que indicariam um ethos favorável a ela, de mãe disposta a ser boa e presente. Além disso, a autora se filia e reduplica, como visto com Indursky, os enunciados da FD da maternidade ao falar que o aprendizado produzido pela maternidade vale mais que o conquistado na universidade – é típico dessa FD associar a chegada dos filhos à obtenção de grandes ensinamentos e também creditar à presença deles a força pela luta dos sonhos, sentidos que são perpetuados pela postagem. Ao final, resignada, ela diz ser natural essas perdas e reforça a ideia de que a maternidade é feita de sacrifícios.

A propósito, um comentário deixado nessa postagem também conflui para o mesmo caminho do discurso materno pós-moderno. Elena escreveu: “Concordo, não é pecado nenhum desabafar. A vida muda, e a vida nos muda. Não lembro a última vez que sai so com minhas amigas.... sinto falta, mas como vc disse, amo minha família e sou feliz...” (sic) – sublinhe-se aqui a escolha lexical da palavra “pecado” tanto na postagem como no comentário: mais uma vez, rememora-se o papel sacro que as mães deveriam assumir, evidenciando como a cultura cristã está arraigada à FD sobre maternidade.

Por fim, o texto III (ANEXO III) é emblemático por já no título destacar a dualidade discutida neste trabalho. Em todas as passagens da postagem, percebe-se a ênfase dada pela autora ao cansaço advindo da tarefa ininterrupta de cuidar de um bebê/criança, contudo, apesar de haver uma lista de reclamações sobre momentos que geram estafa – física e mental – à mãe, a prerrogativa da reflexão é que toda essa exaustão é apenas da mãe, não do ofício de ser mãe, tirando a carga de responsabilidade dos filhos, por exemplo (a mãe não está cansada dos filhos, mas da atenção que eles demandam). Neste exemplo, também há uma dose de contradição, pois ao mencionar “(...) criança que não quer comer, criança que não quer entrar no banho, criança que não quer sair do banho (...)”, é visível que as queixas se dirigem ao filho e ao comportamento desagradável dele, no entanto, a autora reitera que não se sente cansada de ser mãe dele. Novamente, a preocupação com o ethos é notável, a partir do momento em que se tenta desconstruir a percepção de que a mãe que lamenta cansaço, na verdade, estaria lastimando-se da função assumida. Uma mãe dar a entender que estaria aborrecida de sê-la

forjaria uma péssima imagem de si, não autorizada cultural e socialmente. A mulher pode estar sobrecarregada de ter que lidar com muitas situações desconfortáveis ao longo do dia, mas não pode pôr em dúvida tanto o amor pelos filhos quanto o fato de que continuará fazendo tudo por eles. Neste enunciado, ainda se pode analisar como a linguagem ajuda na aura emocional do manifesto – há uso excessivo de pontos de exclamação (quando se quer negar o cansaço de ser mãe), emprego de senso comum e clichês (“calças curtas”, “não abririam mão deles por nada deste mundo”) e até de expressões em voga na internet (“é muito amor envolvido”), o que conota a recorrência a um ideário cristalizado e mitiga uma reflexão mais pessoal e subjetiva da questão. Ademais, essas ideias são associadas à FD sobre maternidade e apenas ratificam o ideário construído até hoje sobre o que é ser mãe.

Considerações finais

Ainda que bastante reduzido, o corpus selecionado permite pincelar uma primeira noção de como o discurso materno pós-moderno funciona: há a liberdade de desabafar, há um local apropriado para fazê-lo e não há a obrigatoriedade de se enunciar como uma mãe perfeita, contudo, o ethos da maternidade tradicional, construído com base em discursos mais arraigados à sociedade e à cultura, impede uma fala totalmente fluida e confessional. A FD pertinente à internet, neste sentido, ao mesmo tempo em que é renovada, ainda preserva os enunciados que a constituem por séculos e são esses discursos aos quais as mães se remetem ao tentar elaborar um ethos positivo de si mesmas. O ambiente virtual até possibilita confidenciar sobre a “maternidade real”, contudo, a ênfase no amor incondicional que se nutre pelas crianças é fulcral para a imagem de boa mãe, o que a torna sempre presente nesses enunciados.

Referências

- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CORDEIRO, M. Mãe: a invenção da história. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10* (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.
- HEINE, P. Considerações sobre a cena enunciativa: a construção do ethos nos blogs. *Entretextos*, Londrina, v. 7, n. 1, jan./dez. 2007.

INDURSKY, F. A noção de sujeito em análise do discurso: do desdobramento à fragmentação. In: *ENCONTRO DA ANPOLL*, 15., 2000, Niterói. Anais... Porto Alegre: ANPOLL, 2002. 1 CD-ROM.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.

_____. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ORLANDI, E. *Análise do discurso – Princípios & Procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2001.

Anexos

ANEXO I

Nostalgia

Vcs alguma vez ja tiveram saudades da epoca em que vcs ainda nao tinham filhos? Em que sua unica preocupacao era trabalhar e pagar as contas? Quando seu tempo livre era todo dedicado a vc e a seu marido...ou melhor, quando vc tinha tempo livre?

Ando nostalgica!

Esses dias fazendo um rapa nos armarios achei os albuns com fotos de quando comecemos a namorar, das viagens que fizemos, da lua de mel...nem rugas tinhamos no rosto (e olha que so faz 11 anos que casamos) - alias, li em algum lugar que um filho nos faz envelhecer 11 anos, tai a explicacao das rugas de hoje. Sei la, essas fotos me tocaram..me deram um aperto no peito. Me olhei, magra, feliz, com um brilho que so quem leva uma vida leve tem. E olha que eu ja tinha passado dos 30 nessas fotos.

Mas eram tempos assim mesmo, leves, em que o trabalho preenchia nossos dias e nos dois preenchiamos nossas noites. Em que tudo era motivo para sair, comemorar..nao havia tempo ruim. Nao havia desculpa para curtir e aproveitar a vida. Nao havia preocupacao com grana, com filhos, com o mundo.

Sinto falta dessa leveza!

Ate hoje, sempre que vou no bairro onde moramos assim que casamos, me da um aperto. Eramos muito felizes la e olha que a Manu viveu la tb. Parecia que nossa vida naquela epoca era muito mais simples. Nao estou dizendo que nao somos felizes hoje, somos, mas eh uma felicidade diferente, nao sei explicar.

Amo meus filhos, amo ve-los crescer, amo cada descoberta deles, amo o carinho, amo ver o quao importante eu sou para eles e o quanto seus olhinhos sorriem quando me encontram. Mas junto com esse amor todo, veio um caminhão de outras coisas, uma sobrecarga de trabalho, de preocupacao, de atencao, deixando muito pouco espaco para a leveza, para o "deixe a vida me levar"..os dias sao corridos, atropelados, quando vc se da conta ja sao 10 horas da noite e vc nao conseguiu sequer respirar...e eu preciso respirar!!

Saudades de quando chegava do trabalho e me jogava no sofa, com a cabeça no colo no marido...quando o unico trabalho era escolher o sabor da pizza que iamos pedir!

Saudades!

Em tempo, em nenhum momento me arrependo de ter tido filhos, nao, acho que minha vida hoje eh muito mais completa e so de pensar nela sem eles, me rasga o coração...eu so, as vezes, queria que ela fosse mais simples!



Disponível em: <http://sereimae.blogspot.com/2018/10/nostalgia.html> Acesso em 10 dez. 2018.

ANEXO II

MINHA VIDA MUDOU COM A MATERNIDADE, MAS NÃO PARA MELHOR

Antes que me julguem pelo título, vou explicar: amo ser mãe, amo minha filha e tenho certeza de que nasci para ser mãe dela. Me esforço dia após dia para ser melhor, mais compreensiva, mais atenciosa, mais perspicaz nas minhas atitudes e na forma de educá-la.

Eu engravidei no final da faculdade. Morava numa cidade que amava. Tinha conquistado amigos, minhas raízes cresciam. Tinha a vida que queria e gostava. Mas aí deixei amigos e parte da minha família para trás para ter minha filha perto da minha mãe. Mas hoje, 3 anos após ter me mudado, já mudei de novo, e nem mais perto da minha mãe estou.

A nova mudança também foi pensando no bem da família: na minha cidade natal, vivíamos de aluguel em um apartamento minúsculo. E meus pais tinham uma casa em uma cidade próxima. Então, optamos por não pagar mais aluguel e ir morar lá. A casa é linda, na praia, com plantas e árvores, mas é longe de tudo e de todos. Sinto-me sozinha diariamente. Minha filha e meu marido preenchem meu coração, é claro, e o trabalho também ajuda bastante, mas a saudade das risadas com as amigas, dos passeios no pôr do sol, dos shows e apresentações artísticas ao ar livre, fazem falta todo dia. Toda hora. Sempre. E pra mim, marido nenhum substitui amigas.

Não me joguem pedras: não estou dizendo que eu trocaria minha filha por aquela vida de antes. Minha filha me completa, me faz ser uma pessoa melhor, me fez crescer. Ela me dá forças para batalhar pelos meus sonhos e mais força ainda ela me dá para construir novos sonhos. O tanto que já aprendi nestes primeiros anos como mãe (e casada), valem mais do que os anos de faculdade. Mas eu sinto falta das companhias, de dividir inclusive a presença da minha filha com as pessoas queridas. Como sinto por isso!

Às vezes, apesar da distância, minhas amigas vêm nos visitar, principalmente nos aniversários da minha filha. E aí eu vejo como são queridas estas pessoas que tenho longe, como são eternas estas amizades: viajam mais de 2500 km para cantarem parabéns para a florzinha com a gente. Como seria bom tê-los no dia a dia, como seria mágico poder compartilhar as gracinhas que ela faz, os aprendizados dela (e os meus). Que alívio seria ter minhas amigas por perto para poder compartilhar as angústias de um casamento que já deixou de ser cor de rosa e hoje está mais para o preto e branco.

A vida é assim, não é? Ganhamos de um lado, perdermos de outro. E com a maternidade perdemos

muitas coisas, fazemos sacrifícios pelos filhos e até a gente conseguir se ajustar às mudanças, não necessariamente nossa vida é melhor. E não é pecado nenhum admitir isso.

Disponível em: <http://tudosobreminhae.com/blog/2014/1/21/minha-vida-mudou-com-a-maternidade-mas-no-para-melhor> Acesso em 28 dez. 2018.

ANEXO 3

Pensando muito nessa frase “Uma mãe cansada não está cansada de ser mãe”, cheguei à seguinte conclusão:

As pessoas precisam entender que quando as mães reclamam que estão cansadas, não significa que estão cansadas da maternidade, não estão cansadas dos filhos.

Uma mãe cansada está apenas cansada de acordar zilhões de vezes na madrugada, de comer comida gelada, de ter que tomar banho em 2 minutos. Está cansada de não ter tempo para se cuidar, de bater um papo com as amigas, de se sentir gente.

A maternidade é maravilhosa, mas não é moleza e muitas vezes é mais cansativa do que estávamos esperando quando decidimos ser mãe.

A maternidade, por muitas vezes, nos pega de calças curtas. Um simples sair de casa com as crianças pode se tornar algo tumultuado.

Um exemplo disso é quando você não tem filhos basta colocar os sapatos e sair. Quando você tem filhos você precisa vestir as crianças, que muitas vezes fogem e se escondem na hora de sair. Muitas vezes tem fralda para trocar bem na hora de sair ou tem alguém com fome bem na hora de sair. Além das zilhões de coisas que você precisa separar para levar na bolsa: fralda, lenço umedecido, pomada, cueca extra, redutor de assento dobrado, roupa extra etc.

Isso tudo é cansativo, mas significa que eu me canso de ser mãe deles? Não!!!

Separar brigas dos irmãos, ensinar o certo e o errado, lidar com crises dos 2 anos, lidar com criança que não quer comer, criança que não quer entrar no banho, criança que não quer sair do banho e até mesmo lidar com criança que luta contra o sono porque não quer dormir.

Isso tudo é cansativo, mas significa que eu me canso de ser mãe deles? Não!!!

Tenho certeza que quando as mães reclamam elas não estão cansadas dos seus filhos e não abririam mão deles por nada nesse mundo.

É cansativo mas é também muito amor envolvido. Vale a pena cada olheira que ganhei, cada ruga marcada na minha testa, cada cabelo branco que surge no topo da minha cabeça.

Uma mãe cansada está apenas cansada. Cansada do trabalho, de dar duro, de dar conta da rotina, de dar conta de limpar a casa e cuidar das crianças. Muitas vezes fisicamente cansada, além de emocionalmente cansada. Mas uma mãe cansada não está cansada de ser mãe. Não mesmo.

Disponível em: < <http://www.mamaetagarela.com/uma-mae-cansada-nao-esta-cansada-de-ser-mae/>>

Acesso em 16 jan. 2019.